UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ELISABETE SILVA RODRIGUES

FATORES DETERMINANTES DO BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE ENTRE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR.

CAMPINA GRANDE
2024

ELISABETE SILVA RODRIGUES

FATORES DETERMINANTES DO BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE ENTRE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Administração, da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Dr. Kliver Lamarthine Alves Confessor

CAMPINA GRANDE
2024

R696f Rodrigues, Elisabete Silva.

Fatores determinantes do bem-estar financeiro: uma análise entre docentes do ensino superior / Elisabete Silva Rodrigues. – Campina Grande, 2025.

45 f. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação: Prof. Dr. Dr. Kliver Lamarthine Alves Confessor".

Referências.

1. Educação Financeira – Docentes do Ensino Superior. 2. Atitude ao Endividamento – Docentes do Ensino Superior. 3. Bem-Estar Financeiro. I. Confessor, Kliver Lamarthine Alves. II. Título.

CDU 64.031.3(04)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

FATORES DETERMINANTES DO BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE ENTRE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Elisabete Silva Rodrigues[1]

Kliver Lamarthine Alves Confessor[2]

RESUMO

O bem-estar financeiro é muito importante, uma vez que a estabilidade econômica contribui para a satisfação e a qualidade de vida de um indivíduo. Assim, o objetivo deste estudo é descrever fatores que influenciam no bem-estar financeiro dos docentes de ensino superior na cidade de Campina Grande, na Paraíba, com base nas cinco dimensões principais: bem-estar financeiro; Educação financeira; Alfabetização financeira; Atitude ao Endividamento; e Satisfação com a Vida. O questionamento que norteou a pesquisa foi: "Como fatores financeiros interagem para influenciar a saúde financeira global dos docentes e de que maneira o aprimoramento em cada uma dessas áreas pode contribuir para um aumento do bem-estar e da qualidade de vida?". Com isso, o estudo trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa, utilizando, através da técnica de amostragem por conveniência, um questionário estruturado aplicado a 58 docentes, focando em diferentes aspectos da gestão financeira. A análise dos dados baseou-se em teorias de comportamento financeiro e educação financeira. Os resultados indicam que os professores apresentam um controle moderado de suas finanças, embora existam variações significativas nas abordagens de compra e na regularidade das poupanças. Conclui-se que, em geral, os docentes estão satisfeitos com sua situação financeira, demonstram menor propensão ao risco e adotam um perfil mais conservador nas decisões financeiras. No entanto, verificou-se uma média de 3,43 em atividades de educação financeira, com 31,03% dos docentes envolvidos apenas ocasionalmente. Esse baixo engajamento reforça a necessidade de maior acesso e conscientização sobre o tema entre esse público. Como contribuição, ressalta-se a importância de implementar programas estruturados de educação financeira nas instituições de ensino superior. Tais programas não só promoveriam o desenvolvimento profissional dos docentes e aumentariam seu bem-estar financeiro, mas também os capacitariam a transmitir esse conhecimento às futuras gerações, já que, como educadores, eles têm a responsabilidade de ser exemplos de gestão financeira responsável e eficaz.

Palavras-chave: Atitude ao endividamento; educação financeira; docentes; bem-estar financeiro.

[1] Aluna do curso de Administração – UFCG;

[2] Prof. Dr. da Unidade Acadêmica de Administração e Contabilidade - UFCG

DETERMINING FACTORS OF FINANCIAL WELL-BEING: AN ANALYSIS AMONG HIGHER EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT

Financial well-being is highly important, as economic stability contributes significantly to an individual's satisfaction and quality of life. This study aims to describe the factors influencing the financial well-being of higher education faculty members in the city of Campina Grande, Paraíba, based on five main dimensions: financial well-being, financial education, financial literacy, attitude toward indebtedness, and life satisfaction. The research was guided by the following question: "How do financial factors interact to influence the overall financial health of faculty members, and in what ways can improvements in each of these areas contribute to greater well-being and quality of life?" This study is characterized as descriptive research with a quantitative approach, utilizing a structured questionnaire administered to 58 faculty members through convenience sampling. The questionnaire focused on various aspects of financial management, and data analysis was based on theories of financial behavior and financial education. The results indicate that the faculty members demonstrate moderate control over their finances, although significant variations exist in purchasing behavior and savings regularity. Overall, the professors appear satisfied with their financial situation, show a lower propensity for risk, and adopt a more conservative profile in financial decision-making. However, the study revealed an average engagement score of 3.43 in financial education activities, with 31.03% of participants engaging only occasionally. This low engagement level highlights the need for increased access to and awareness of financial education initiatives among this group. As a contribution, the study emphasizes the importance of implementing structured financial education programs in higher education institutions, aiming to promote both the professional development and financial well-being of faculty members, as well as empowering them to transmit this knowledge to future generations.

Keywords: Attitude towards debt; financial education; teachers; Financial well-being.

1. INTRODUÇÃO

A temática do bem-estar financeiro possui importância, tendo em vista que a estabilidade financeira possibilita a satisfação e qualidade de vida. Desta maneira, a tranquilidade não justifica apenas em obter uma renda satisfatória, e sim administrá-la de forma consciente para que haja a minimização de preocupações relacionadas ao futuro. Para Campara, Vieira e Potrich (2017) ter boas condições financeiras seja no futuro ou no presente, bem como segurança monetária, vão maximizar o bem-estar financeiro (BEF), o qual propiciará uma melhor qualidade de vida.

Na contemporaneidade, a percepção de satisfação com a vida está associada a diversos fatores que vão além dos recursos financeiros disponíveis, sendo influenciada por dimensões do bem-estar financeiro, como hábitos, atitudes e conhecimentos sobre finanças pessoais. O bem-estar financeiro é, portanto, resultado de uma interação entre esses elementos, que desempenham um papel fundamental na construção da qualidade de vida. Todavia, a literacia financeira também se revela fundamental, pois permite compreender a gestão financeira de forma abrangente, incluindo a realização de investimentos, as atitudes em relação ao endividamento, o gerenciamento da poupança, o planejamento da aposentadoria e outros aspectos das finanças pessoais que visam o alcance da independência financeira e qualidade de vida.

Para os diversos aspectos que influenciam no bem-estar financeiro (BEF) destaca-se a inadimplência que é a falta de cumprimento das obrigações financeiras. No estudo realizado por Clayton et al. (2015) todos os domínios da vida estão potencialmente envolvidos com os efeitos da dívida, evidenciando assim o quanto é fundamental o BEF na qualidade de vida e saúde. Hojman, Miranda e Ruiz-Tagle (2016) chamam a atenção para o endividamento das famílias que é um determinante socioeconômico de saúde física e mental. Atualmente, o nível de endividamento da sociedade é muito discutido, tomando em consideração que no Brasil em agosto de 2023, como exibe a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) 77,4% das famílias estão endividadas (CNC, 2023). Em razão a isso, pode ocorrer efeitos graves numa sociedade, por exemplo, o aumento do índice de mortalidade, uma vez que a saúde financeira tem influência direta no bem-estar, afetando assim o estado da saúde, caudados por: estresse devido a preocupações financeiras constantes, depressão, ansiedade, e estilo de vida com hábitos menos saudáveis por causa dos recursos limitados, nutrição inadequada, problemas de performance, e distúrbios de sono.

Na sociedade contemporânea, também há a cultura do consumo que desempenha um papel significativo, pois tornou-se um comportamento padrão, seja por motivos de status social, felicidade momentânea, e até gratificações instantâneas. Dessa maneira, o materialismo é um dos fatores que também desencadeia descontrole financeiro, causando problemas de saúde relacionados a compulsividade, e até impactos ambientais, tendo em vista que o consumo de forma exagerada possui consequências negativas. Em relação a amplitude que é o consumismo, para Ferreira *et.al* (2014), a situação do Brasil pós-abertura do comércio seria como uma espécie de padrões de consumo que são intensificados e que são herdados, bem como adaptados dos países desenvolvidos, pelo fato de o mercado possibilitar mecanismos para as classes de baixa renda poderem ter acesso a bens de consumo típicos das classes altas. Compreende-se assim, que é preocupante porque gera essa inconsequência ao estilo de vida que posteriormente poderá ter efeitos negativos como o endividamento.

Em contrapartida, Kunkel et. al (2015) evidenciou que a utilização do dinheiro de forma insegura e com preocupação torna os indivíduos menos propensos ao consumo, constatando que dependendo do significado que o indivíduo atribuir ao dinheiro influenciará nas compras compulsivas e consumo excessivo. Esse contexto maximiza a relação da compulsividade com o comportamento financeiro, e sua probabilidade de minimização do bem-estar financeiro (BEF), tal como, a importância que é entender a percepção e a influência que uma atitude de descontrole causará na qualidade de vida, saúde, natureza, e conforto financeiro.

Por outro lado, as pessoas também são incentivadas a planejar sua vida com o objetivo de obter maior seguridade social, seja adotando hábitos de vida mais saudáveis, um emprego satisfatório, e planejando sua aposentadoria mesmo que no Brasil haja a garantia da aposentadoria que é um direito social previsto na Constituição Federal de 1988. Bressan *et. al* (2013), identificou que a realização de programas de preparação para aposentadoria é importante para melhor qualidade de vida, e envolve questões psicossociais, demográficas e econômicas. Além disso, os aspectos socioeconômicos e demográficos também podem ter influência direta no BEF, em virtude de variáveis como a renda própria, ocupação, estado civil, raça, gênero, idade, número de filhos, e grau de escolaridade.

A temática do bem-estar financeiro (BEF) tem ganhado crescente relevância na literatura sobre finanças pessoais, pois não apenas reflete a capacidade de gerir recursos de maneira eficiente, mas também influencia diretamente a qualidade de vida e a saúde mental dos indivíduos. Estudos indicam que um gerenciamento financeiro adequado, que vai além da simples aquisição de renda, é essencial para minimizar preocupações futuras e maximizar o bem-estar financeiro (Campara, Vieira & Potrich, 2017).

No Brasil, a importância desse tema é evidenciada pelo alto índice de endividamento da população. A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), de agosto de 2023, apontou que 77,4% das famílias brasileiras estavam endividadas (CNC, 2023). Além disso, a literatura destaca que a literacia financeira desempenha um papel fundamental na gestão das finanças pessoais, na tomada de decisões de investimento e no planejamento da aposentadoria, sendo fatores essenciais para a conquista da independência financeira e de uma vida com maior qualidade (Hojman, Miranda & Ruiz-Tagle, 2016).

Diante o exposto, com os estudos existentes e a amplitude da discussão acerca do BEF, a presente pesquisa possui o objetivo de descrever os fatores que influenciam no bem-estar financeiro dos docentes de ensino superior na cidade de Campina Grande na Paraíba. Essa relação visa contribuir para o aprofundamento do tema por meio da análise dos fatores envolvidos, possibilitando a identificação de elementos determinantes e ampliando as perspectivas no campo das finanças. Ademais, a pesquisa tem potencial para gerar novas descobertas e insights que beneficiarão não apenas os docentes, mas também a comunidade acadêmica como um todo, fortalecendo o desenvolvimento do ensino superior.

Com isso, é objetivo geral deste estudo descrever fatores que influenciam no bem-estar financeiro dos docentes de ensino superior na cidade de Campina Grande, na Paraíba, com base nas cinco dimensões principais: bem-estar financeiro; Educação financeira; Alfabetização financeira; Atitude ao Endividamento; e Satisfação com a Vida. O questionamento que norteou a pesquisa foi: “Como fatores financeiros interagem para influenciar a saúde financeira global dos docentes e de que maneira o aprimoramento em cada uma dessas áreas pode contribuir para um aumento do bem-estar e da qualidade de vida?”.

A justificativa deste estudo baseia-se na crescente importância do bem-estar financeiro (BEF) na qualidade de vida e na estabilidade econômica dos indivíduos, especialmente dos docentes do ensino superior, que desempenham um papel essencial na formação acadêmica e profissional das futuras gerações. A pesquisa busca aprofundar o entendimento sobre os fatores que impactam o BEF, relacionando-os à educação financeira, aos hábitos de consumo e às atitudes em relação ao endividamento.

Dessa forma, este estudo oferece uma análise aprofundada dos fatores determinantes do bem-estar financeiro (BEF) entre docentes do ensino superior, permitindo a identificação de padrões e desafios característicos dessa categoria. A ampliação do conhecimento sobre esses fatores mostra-se essencial, especialmente em função do papel formativo que esses profissionais exercem. A compreensão desses aspectos viabiliza a formulação de estratégias mais eficazes para a promoção de uma gestão financeira consciente e sustentável, gerando

impactos positivos não apenas para os docentes, mas também para a comunidade acadêmica como um todo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme Best Doctors Insurance (2025), o bem-estar financeiro é o estado de tranquilidade e satisfação em relação as finanças pessoais, envolvendo a capacidade de atender suas necessidades e metas financeiras, bem como reduzir o estresse financeiro. De acordo com a Consumer Financial Protection Bureau (CFPB, 2015), o bem-estar financeiro pode ser definido como um estado de cumprimento pleno as obrigações financeiras atuais e contínuas, com escolhas que permitam aproveitar a vida futura, e traga o sentimento de segurança.

Para Diniz *et. al* (2014), existem outras abordagens que associam o bem-estar financeiro com a saúde, como a construção da seguridade financeira que em situações de instabilidade impacta nas relações sociais. French e Mckillop (2017) analisaram o impacto da dívida e do estresse financeiro na saúde das famílias da Irlanda do Norte, descobrindo que o estresse financeiro causado pelo endividamento afeta à saúde, e alguns aspectos como: problemas graves com mobilidades, autocuidado, capacidade de realizar atividades habituais, dores, desconfortos, ansiedades e depressão. Partindo desse conceito, ratifica-se que o BEF pode ter um impacto significativo na saúde física e mental, dado que a instabilidade financeira com preocupações relacionadas as dívidas vão possuir influência direta no estilo de vida e bem-estar emocional do indivíduo, bem como acesso aos cuidados da saúde.

Para Binder e Coad (2015) o efeito negativo do desemprego possui diferentes influências nas medidas de bem-estar, como satisfação com a vida, bem-estar emocional ou bem-estar mental, justificando então que indivíduos com empregabilidade, com maiores rendimentos, e estabilidade nas finanças possuem mais satisfação com suas vidas. Corroborando com este estudo Fraga *et. al* (2017), ao fazer análise do BEF com diferentes níveis de renda, visualizou que para as pessoas que possuem rendimentos acima de R$10.000 há maior satisfação financeira, em contrapartida os beneficiários do Bolsa Família sentem menor nível de BEF do que as pessoas que não recebem.

Considerando esse contexto, o BEF possui uma complexidade de mensuração, dado que, não se limita a quantidade de dinheiro, mas também a sensação de segurança, qualidade de vida, saúde, e capacidade de gerenciar suas finanças. Neste sentido, a alfabetização financeira é um dos fatores que se destaca como elemento principal e determinante para o desenvolvimento financeiro e econômico, pois é um importante para estabilidade financeira. Entretanto,

Schmeiser e Hogarth (2013) destacam que a literacia financeira é um conceito complexo e pode ser avaliada de diferentes maneiras, seja analisando comportamentos financeiros, conhecimento, características e bem-estar financeiro a longo prazo. Concordando, Fraga *et. al* (2017) evidencia que o bem-estar financeiro depende de uma variável de fatores que ultrapassam o âmbito da renda, como gênero, estado civil, escolaridade, possuir dependentes ou não, entre outros.

Segundo Hamid, Loke e Chin (2023), a alfabetização financeira é o ato de adquirir conhecimentos, habilidades e compreensão para tomar decisões financeiras eficazes e informadas, sendo um processo contínuo que exige adaptação, tendo em vista que há desafios, com circunstâncias que podem mudar ao longo do tempo, por isso é necessário ser resiliente para lidar com o imprevisível. Perante o exposto, Vieira *et. al* (2016), analisou a influência dos fatores comportamentais tais como alfabetização financeira, atitude ao endividamento, gerenciamento da renda no BEF de famílias do Rio Grande do Sul, observando um alto percentual em relação as dívidas, e baixo nível de educação financeira com 44,20% seguindo a classificação de Chen e Volpe (1998). Assim, com relação aos problemas financeiros a alfabetização financeira atua como fator determinante para a situação de endividamento.

A educação financeira, de acordo com a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OECD, 2005), pode ser caracterizada como o processo pelo qual consumidores e investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, obtendo informações, instruções ou aconselhamentos, e desenvolvendo habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, através de escolhas mais conscientes e informadas, tal que possa saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem-estar financeiro.

Chen e Volpe (1998), em seus estudos com universitários norte-americanos, identificaram que mesmo os estudantes da área de negócios possuem baixa capacidade financeira de tomar decisões, apresentando deficiência em educação financeira. Johnson e Sherraden (2007), verificaram que a educação financeira formal é limitada, principalmente para jovens cujas famílias não possuem acesso de serviços de instituições financeiras, como também, enfatizam que sem mudanças no acesso institucional, a educação financeira poderia ter efeitos negativos. Esses estudos enfatizam a importância que a educação financeira possui acerca do BEF, e mostra o quão complexo é o estudo das finanças, sendo essa complexidade como uma barreira para tomada de decisões eficazes.

Matta (2007), foi pioneiro ao replicar o estudo de Chen e Volpe (1998) com estudantes universitários do Distrito Federal no Brasil, em relação a informação sobre educação financeira

e identificou que apenas 11,1% dos casos estudados indicam ter bom comportamento em relação às suas finanças. Contudo, Silva *et. al* (2017), em seu estudo com servidores públicos da Justiça Federal na Paraíba, explorou que os servidores possuíam dificuldade em gerenciamento de finanças pessoais, em virtude da facilidade ao crédito, corroborando para o baixo nível de educação financeira. Especificamente no Brasil, sabe-se que a educação financeira não é parte integral do currículo nas escolas, o que impacta negativamente na vida financeira do indivíduo, pois não há uma base sólida na educação brasileira que possa ser crucial para maior compreendimento da gestão das finanças pessoais.

Potrich, Vieira e Kirch (2016) também mostram que a alfabetização financeira vai além da educação financeira, mesmo que tenham sido frequentemente utilizados como sinônimos. Essa assertiva é ratificada por Floriano *et. al* (2020), haja vista que evidencia a educação financeira como parte do processo de alfabetização financeira, através do comportamento correto em respeito às tomadas de decisões de consumo/poupança/investimento que exige uma compreensão de conceitos relativos à gestão financeira pessoal. Portanto, a alfabetização financeira é a capacidade de compreender e usar informações básicas das finanças para tomar decisões eficazes, visando o entendimento mínimo necessário, em contrapartida, a educação financeira é mais abrangente, incluindo a compreensão maior das finanças.

Em relação ao maior nível de BEF, Taft *et. al* (2013) identificaram que um nível maior de bem-estar financeiro é seguido de literacia financeira, como também, encontrou em seus estudos uma relação positiva entre as variáveis como a idade e a escolaridade que estão positivamente correlacionadas com a literacia financeira e o bem-estar financeiro. Marques e Gois (2022), abordaram determinantes do BEF no Brasil, indicando que os possuintes de aplicações financeiras em ativos mais sofisticados apresentam BEF superior em relação aos que guardam seus recursos de forma tradicional, indicando assim que pode estar relacionado ao nível de educação financeira.

Já Gerrans *et. al* (2014) observou que os homens obtiveram uma classificação melhor em relação as mulheres sobre o conhecimento financeiro, obtendo o resultado de que a satisfação financeira é responsável por 33% do bem-estar pessoal nas mulheres e 26% no sexo masculino, sendo que para as mulheres essa satisfação está mais ligada à sua situação financeira. Silva *et. al* (2017) também identificou que homens possuem score maior em relação as mulheres, e conforme aumenta-se a renda e escolaridade o indicador de BEF também aumenta. Observando-se assim que as mulheres obtêm níveis de conhecimento financeiro em comparação aos homens de forma diferente, com percepções que divergem e podem variar individualmente.

No cenário pandêmico do Covid-19 ocorreram diversos desafios, principalmente em relação as incertezas dos negócios que causou grande impacto econômico. Dado esse ocorrido, houve perda de empregos, fechamento de empresas, redução da produção e desaceleração econômica como consequências generalizadas. Kelmara *et. al* (2020) avaliou a perda do BEF em virtude da pandemia, no qual muitos trabalhadores informais ficaram impedidos de obter renda e desempenhar suas atividades, identificando em seus estudos que a perca do bem-estar financeiro é um problema relevante de saúde pública, uma vez que há relação com relacionamentos sociais, satisfação, felicidade, e qualidade de vida, associados ao aumento da ansiedade e depressão. Contribuindo Araújo *et. al* (2022) buscou investigar a diversificação de ativos, BEF, qualidade de vida e saúde mental no Brasil com investidores cadastrados na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), constatando que há correlação positiva do BEF e diversificação, mas em relação a ansiedade e depressão ocorre o inverso.

Um outro fator de grande influência no que se diz respeito ao BEF é o endividamento. Lusardi e Tufano (2015), demonstram que o comportamento financeiro possui influência no nível de endividamento, indicando que os indivíduos com níveis mais baixos de literacia tendem a realizar transações com custos mais elevados, taxas mais elevadas e recorrendo a empréstimos de custos elevados. Para Vieira *et. al* (2016) o alcance do bem-estar financeiro pode estar atrelado pela busca do conhecimento financeiro e sua aplicação na prática, através de atitudes que evitem a situação de dívidas, bem como, apesar da renda ser um dos fatores determinantes é necessário um equilíbrio entre despesas e receita. Ainda, Vieira *et. al* (2017) indica que na preferência do tempo, as atitudes ao endividamento relacionam-se as decisões, ponderando o consumo imediato ou ações de poupanças para consumo futuro.

Segundo Schmeiser e Hogarth (2013) não há uma definição padronizada de bem-estar financeiro, mas geralmente há o envolvimento com a capacidade de tomar decisões informadas sobre o uso e gestão de receitas e finanças, bem como a resiliência aos choques financeiros. Além disso, Diniz *et. al* (2014), destacou que o nível de endividamento pode ter uma relação negativa com o BEF, sendo 55,2% dos respondentes maranhenses que pensam muito sobre suas dívidas, e também através dos seus estudos verificou-se que quanto maior o nível educacional, maior a satisfação a financeira, mesmo sendo apenas um dos fatores de influência.

A atitude ao endividamento varia significativamente, uma vez que depende das circunstâncias, objetivos e conhecimento financeiro. Flores, Vieira e Coronel (2013) contataram que 46% dos servidores da Universidade Federal de Santa Maria possuem um alto nível de conhecimento sobre finanças pessoais, e que a principal razão do endividamento é a facilidade de acesso ao crédito, com um percentual de 29,5%. Contribuindo com este estudo, em uma

pesquisa realizada pelo Banco Central do Brasil (2014), foi identificada algumas motivações para situação do endividamento excessivo, como por exemplo, perda de emprego e renda, gravidez não programada, separação conjugal, compras por impulso, excesso de parcelamento de compras e uso de linhas de crédito de forma impulsiva e descontrolada.

Silva *et. al* (2020), ressaltam que as pesquisas sobre endividamento se concentram essencialmente em questões sociais, econômicas, e psicológicas, e a variável renda tem maior influência no BEF, após estudo com 1546 investidores brasileiros, pôde-se verificar que conforme aumenta-se a escolaridade e a renda o BEF aumenta proporcionalmente.

Bressan *et. al* (2013) fizeram um estudo com servidores públicos federais em relação ao preparo para o bem-estar na aposentadoria, indicando como fatores negativos a perda de perspectivas de trabalho, da segurança financeira, e falta de conhecimento prévio do processo de aposentadoria. Baseado nessa percepção, saber planejar a aposentadoria é importante, tendo em vista que haverá maior seguridade, pois poderá haver mudanças nos sistemas da previdência social, e também com este planejamento proporciona maior qualidade de vida sem preocupações em relação aos aspectos financeiros. Além do mais, é necessário para garantia de uma fonte de renda sem necessário a dependência do estado, o planejamento da aposentadoria que implicará em maior controle de situação financeira futura, com o alcance de objetivos futuros.

De uma forma geral, com os estudos apresentados identifica-se como fatores determinantes do BEF em evidência a renda, conhecimento financeiro, e níveis de endividamento, estando estes interconectados. Então, ao desenvolver habilidades financeiras, tomar decisões conscientes sobre o uso da renda e gerenciar dívidas de forma responsável, há o alcance do nível mais elevado de bem-estar financeiro, e a perspectiva de uma vida mais segura e tranquila em relação às suas finanças.

2.1 CONTRIBUIÇÕES ANTERIORES SOBRE A TEMÁTICA

Segundo o Consumer Financial Protection Bureau (2015), o bem-estar financeiro é o estado de satisfação, estabilidade e segurança que uma pessoa pode experimentar, envolvendo sua capacidade de eficazmente gerenciar seus recursos financeiros. Nos estudos apresentados por Vieira *et.al* (2016), o principal objetivo é analisar a influência dos fatores comportamentais como: a alfabetização financeira, atitude ao endividamento, gerenciamento financeiro e renda no bem-estar financeiro dos indivíduos, que são muito influentes na tomada de decisões, assim reconhecendo como esses elementos se relacionam e impactam a saúde financeira do indivíduo.

Foi executada uma pesquisa exploratória e quantitativa, realizada em nove cidades do estado do Rio Grande do Sul, Brasil com 1.577 questionários respondidos, que apontaram para a importância dos fatores de cunho comportamental, revelando que as variáveis de estudo desempenham papel significativo na saúde financeira das pessoas, e que se pode considerar a renda como um fator influente, mas não determinante, no bem-estar financeiro. Destacando que os aspectos comportamentais e de gestão financeira impactam de forma direta na situação financeira das famílias, e chamando a atenção para a necessidade de conscientização e planejamento financeiro para alcançar um equilíbrio financeiro sustentável.

Outro estudo relevante, foi demonstrado por Fraga *et al* (2017), sendo uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa realizada em Santa Maria no Rio Grande do Sul, com uma amostra de 582 indivíduos, representando assim uma variedade de perfis socioeconômicos e demográficos, com objetivo de analisar como essas características estão relacionadas ao bem-estar financeiro, e ao analisar as variáveis como idade, gênero, estado civil, dependentes, moradia, nível de escolaridade, ocupação e renda familiar média mensal, os pesquisadores puderam identificar padrões e características que influenciam no BEF, identificando diferenças significativas no nível de bem-estar financeiro entre diferentes classes de renda, onde os participantes com renda mais alta tendem a apresentar maior satisfação financeira.

Na literatura acadêmica sobre bem-estar financeiro, observam-se diversas perspectivas sobre como a gestão financeira impacta a qualidade de vida. Campara, Vieira e Potrich (2017) exploram a relação entre bem-estar financeiro e a satisfação de vida, particularmente entre beneficiários do Programa Bolsa Família. Eles argumentam que a segurança financeira promove não apenas uma melhoria na percepção de qualidade de vida, mas também contribui para uma sensação geral de satisfação, o que reflete um vínculo significativo entre as condições financeiras e o bem-estar emocional e psicológico. Esta visão sugere que as políticas de assistência financeira podem ter efeitos benéficos além da mera sustentação econômica, influenciando positivamente a saúde mental e a estabilidade social dos beneficiários.

Por outro lado, Hojman, Miranda e Ruiz-Tagle (2016) adotam uma abordagem mais focada nos efeitos negativos da dívida sobre a saúde mental, ilustrando como o endividamento pode desencadear trajetórias de saúde mental adversas. Este estudo revela que a dívida não só cria estresse financeiro, mas também pode deteriorar significativamente a saúde mental, aumentando a incidência de depressão e ansiedade. Estes achados estão em contraste com a perspectiva de Campara *et al*. (2017), que enfatizam os aspectos positivos do bem-estar financeiro.

A análise do impacto da dívida, como apresentada por Hojman *et al*. (2016), destaca a necessidade de considerar as dimensões psicológicas do endividamento nas discussões sobre políticas financeiras. Além disso, a pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2023) que indica um alto índice de endividamento nas famílias brasileiras, complementa o argumento de Hojman *et al* (2016). ao demonstrar que a prevalência de dívidas pode ser um indicador de desafios maiores na gestão da saúde mental e bem-estar financeiro em larga escala.

Estas duas abordagens oferecem uma visão compreensiva dos desafios associados ao bem-estar financeiro. Enquanto Campara *et al*. (2017) sugerem que políticas de suporte financeiro podem elevar o bem-estar pessoal e social, Hojman *et al*. (2016) e os dados da CNC (2023) alertam sobre os perigos do endividamento excessivo, especialmente no que tange aos seus efeitos sobre a saúde mental. A compreensão dessas dinâmicas é crucial para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes na promoção do bem-estar financeiro e na mitigação dos riscos associados ao endividamento.

3. METODOLOGIA

Neste tópico, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, incluindo a abordagem e classificação do estudo, a definição da população e da amostra, o instrumento de coleta de dados e os métodos de análise dos resultados. A abordagem metodológica da pesquisa permitiu a identificação e o exame de variáveis que impactam o bem-estar financeiro (BEF) dos docentes do ensino superior em Campina Grande, Paraíba. Os dados foram coletados e analisados com técnicas estatísticas, possibilitando uma compreensão mais aprofundada sobre os hábitos financeiros, atitudes ao endividamento e conhecimento financeiro desse grupo. A seguir, serão detalhadas as estratégias adotadas para garantir a confiabilidade e validade dos dados coletados, contribuindo para a precisão dos resultados obtidos.

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho caracteriza-se como quantitativo e descritivo devido à sua abordagem metodológica e aos objetivos propostos. A pesquisa quantitativa baseia-se na coleta e análise de dados numéricos, obtidos por meio de um questionário estruturado. Esse instrumento permite mensurar variáveis como hábitos financeiros, conhecimento financeiro e atitudes ao endividamento dos docentes, possibilitando a aplicação de técnicas estatísticas para interpretar

os resultados de forma objetiva e precisa. Além disso, a abordagem quantitativa segue um planejamento rigoroso, com hipóteses e variáveis previamente definidas, conforme destacado por Proetti (2018).

Ao mesmo tempo, o estudo é descritivo, pois busca identificar, registrar e analisar características da população investigada – no caso, os docentes do ensino superior na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Segundo Nunes et al. (2016), a pesquisa descritiva visa proporcionar uma visão mais detalhada de um fenômeno já existente, sem realizar intervenções ou manipulações experimentais. Neste trabalho, o foco está na compreensão de como a educação financeira, os hábitos de consumo e as atitudes ao endividamento influenciam o bem-estar financeiro dos docentes.

Assim, a natureza quantitativa do estudo possibilita uma análise objetiva e precisa dos dados, enquanto a abordagem descritiva permite uma compreensão aprofundada dos fatores que afetam o bem-estar financeiro da população estudada.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O estudo foi realizado em instituições de ensino superior localizadas na cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil. A população-alvo da pesquisa é composta por professores do ensino superior, cuja seleção ocorreu pela necessidade em compreender os fatores que influenciam o bem-estar financeiro (BEF) de profissionais que desempenham um papel fundamental na disseminação do conhecimento e que, considerando sua formação acadêmica, espera-se que possuam um nível mais estruturado de literacia financeira. A técnica utilizada foi a amostragem por conveniência, que é aquela que utiliza elementos conforme a facilidade de acesso (Gil, 2008).

A escolha desse público parte da relevância de investigar como suas práticas financeiras, planejamento e controle de gastos impactam seu bem-estar econômico e, consequentemente, sua qualidade de vida. De acordo com os dados do **Censo da Educação Superior (INEP, 2023)**, Campina Grande, Paraíba, contava com 3.613 docentes no ensino superior. A amostragem de 58 docentes foi determinada pela dificuldade de acesso aos professores nas instituições de ensino superior, aliada à elevada carga horária e à agenda ocupada desses profissionais, o que dificultou a obtenção de um número maior de participantes. Para as validações obtidas foram tabuladas, organizadas e analisadas com o auxílio do programa Microsoft Excel, com o qual, foram feitas as análises de estatística descritiva. A **média** foi calculada para identificar o valor central das respostas, a **frequência** indicou a quantidade de

respostas por categoria, e a **porcentagem** revelou a proporção de docentes em cada grupo, permitindo uma análise comparativa dos resultados.

Presuma-se que, devido ao seu nível de qualificação profissional, esses indivíduos possuam um conhecimento mais sólido sobre finanças. No entanto, é fundamental investigar como esse conhecimento se traduz em suas práticas financeiras e na tomada de decisões econômicas. O interesse em explorar esse público surgiu da necessidade de estudos que abordem questões específicas sobre suas finanças pessoais. Um exemplo disso é o estudo de Leal e Melo (2007), que destacou que, mesmo atuando academicamente ou profissionalmente na área financeira, um indivíduo pode enfrentar dificuldades na gestão de suas próprias finanças.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento de coleta de dados consistiu no envio de um questionário estruturado, composto por 42 questões, por meio da plataforma *Google Forms*, com base em modelos previamente aplicados por Potrich et al. (2014). O questionário abrangeu questões relacionadas à análise do perfil socioeconômico dos docentes, educação financeira, planejamento e controle financeiro, bem como ao nível de conhecimento financeiro.

Para isso, foram analisadas variáveis como conhecimento financeiro, atitudes em relação ao endividamento, planejamento para o futuro e nível de satisfação com a vida financeira. Dessa forma, o estudo busca contribuir para a compreensão dos desafios enfrentados por docentes no gerenciamento de suas finanças pessoais, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de estratégias que promovam uma maior estabilidade e segurança financeira dentro desse grupo profissional.

Na primeira seção há perguntas em relação ao perfil do respondente, com variáveis como: idade, gênero, número de dependentes, estado civil, nível de escolaridade, número de pessoas que residem na mesma casa, e questionamentos em relação a contribuição das despesas da casa se esta é realizada por mais algum membro familiar do respondente, bem como a instituição que o docente leciona.

A quarta seção representa o segundo bloco de perguntas sobre o Conhecimento financeiro que visa identificar como é mantido este comportamento dos respondentes, através dos modelos já aplicados anteriormente e adaptados por Shockey (2002), OECD (2013b), O'Neill e Xiao (2012). Dessa forma, buscou-se analisar qual o nível do comportamento financeiro dos indivíduos, identificando se estes possuem perfil mais conservador ou optam por arriscar mais

seus recursos financeiros, com variáveis de estudo como controle de gastos, comparação de preços e reservas de emergência (poupança). Utilizou-se a escala do tipo *likert* de cinco pontos com as seguintes alternativas: (1) nunca, (2) quase nunca, (3) às vezes, (4) quase sempre (5) e sempre.

Na seção 5, ainda no segundo bloco evidencia-se o a atitude financeira com questões referentes a este fator, visando buscar sua mensuração, composta por 8 questões com escala do tipo *likert* de cinco pontos, em que: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) indiferente, (4) concordo e (5) concordo totalmente. Neste sentido, para análise de mensuração quanto maior a concordância das afirmações nas perguntas, maior é o seu nível de atitude financeira.

Na seção 6 do questionário, uma das variáveis que busca-se a mensuração é a atitude ao endividamento, com 9 questões do tipo *likert* que já validada e desenvolvida originalmente por Lea *et.al (1995)* e posteriormente validada no Brasil por Moura (2005), que possuem a intensão de identificação em relação ao comportamento dos indivíduos sobre suas finanças, como planejam e controlam seus recursos, se preferem realizar compras à vista ou parcelado, e entre outros questionamentos ligados ao uso do seu dinheiro, bem como a propensão de consumo. Para interpretação deste fator, quanto maior for a concordância será maior sua atitude ao endividamento, sendo a escala elaborada como: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) indiferente, (4) concordo e (5) concordo totalmente.

A variável "satisfação com a vida" busca entender como o indivíduo percebe sua felicidade e bem-estar geral. Na seção 7 do questionário, avaliou-se se o padrão de vida do respondente se aproxima do ideal e seu nível de satisfação. A escala Likert de 5 pontos foi usada, variando de (1) discordo totalmente a (5) concordo totalmente. Quanto maior a concordância do respondente, maior sua percepção de satisfação com a vida.

Na seção 8, o bem-estar financeiro (BEF) é avaliado por 10 questões que analisam a capacidade do respondente de planejar suas finanças, lidar com despesas inesperadas e garantir seu bem-estar financeiro futuro. A última questão verifica se o indivíduo consegue economizar e controlar suas finanças. A análise usa uma escala Likert de 5 pontos, variando de (1) de modo nenhum a (5) completamente no primeiro bloco, e de (1) nunca a (5) no segundo.

Na seção 9, a variável medida é o conhecimento financeiro. As perguntas avaliam o nível de compreensão dos respondentes sobre conceitos e ferramentas financeiras, com questões sobre taxa de juros, matemática básica, risco e retorno, e investimentos. Os participantes escolhem a resposta correta entre as opções disponíveis, permitindo avaliar sua capacidade de tomar decisões financeiras informadas. Além disso, há perguntas abrangentes envolvendo todas as variáveis para uma interpretação mais ampla dos dados.

4. RESULTADOS

O presente capítulo expõe os resultados decorrentes da pesquisa descritiva realizada. Inicialmente, apresenta-se a o perfil geral dos respondentes, proporcionando uma visão abrangente dos dados coletados. Em seguida, procede-se à análise detalhada dos resultados, os quais embasam as reflexões e conclusões finais do estudo.

A pesquisa incluiu 58 docentes do ensino superior de Campina Grande na Paraíba, abrangendo diversas instituições e cursos. Dentre os participantes, 26 são da Universidade Federal de Campina Grande, 21 da Universidade Estadual da Paraíba, 7 do Instituto Federal da Paraíba, 2 da Facisa e 2 da Faculdade Maurício de Nassau. Dessa maneira, para conhecer melhor o perfil do público-alvo, elaborou-se a Tabela 01, a seguir:

Tabela 01 – Perfil dos respondentes considerando as variáveis: gênero, estado civil, formação, quantidade de dependentes e trabalho

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Gênero	Masculino	21	36,2
	Feminino	37	63,8
Estado Civil	Casado	39	67,2
	Solteiro	10	17,2
	Viúvo	0	0
	Divorciado	8	13,8
	União Estável	0	1,7
Se possui dependentes	Não tenho dependentes	23	39,7
	1	15	25,9
	2	11	20,7
	3	5	10,3
	4	1	1,7
	5 ou mais	1	1,7
Quem trabalha na sua família?	Você	26	44,8
	Seu parceiro (a).	6	10,3
	Você e seu(a) parceiro (a).	27	46,6
	Você, seu(a) parceiro e seus filhos/netos.	3	5,2
	Filhos/netos	1	1,7
	Outros	1	1,7

Quem contribui com as despesas da casa?	Você	27	46,6
	Seu parceiro (a).	5	8,6
	Você e seu(a) parceiro (a).	30	51,7
	Você, seu(a) parceiro e seus filhos/netos.	0	0
	Filhos/netos	0	0
	Outros	1	1,7
Você possui outra formação?	Sim	45	77,6
	Não	13	22,4
Qual é o seu nível de formação mais elevado?	Especialização	1	1,7
	Mestrado	13	22,4
	Doutorado	44	75,9

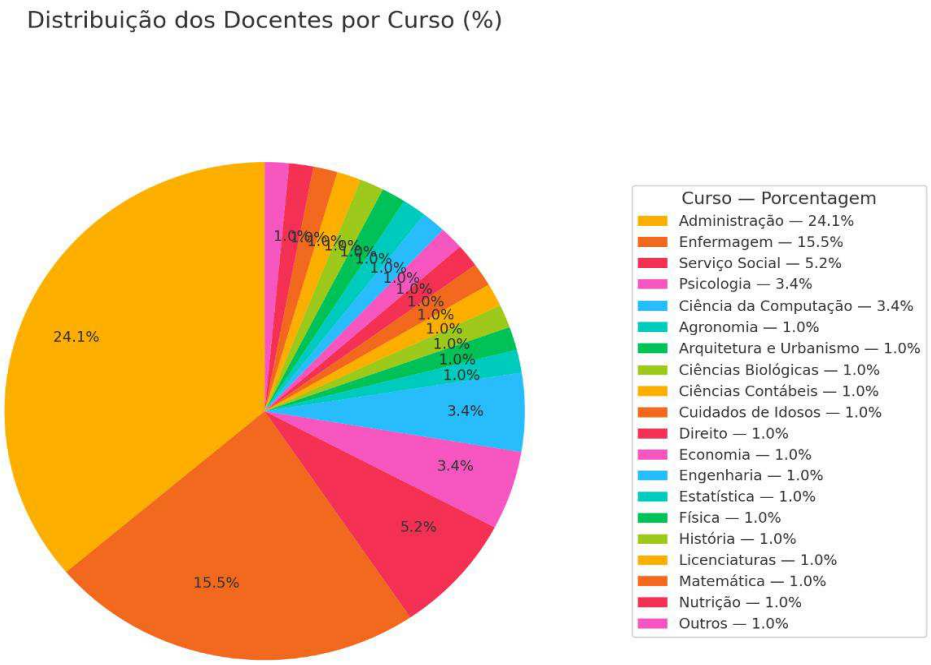
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Na Tabela 01, são apresentados os dados de identificação dos docentes participantes da pesquisa. A partir dos dados, pode-se compreender que maioria dos respondentes são do sexo feminino com (63,8%), casados(as) (67,2%), e em sua grande maioria possui outra formação (77,6%). Para as questões sobre os membros da família que trabalham, o maior percentual foi o próprio respondente e seu parceiro(a) (46,6%) e o próprio docente (44,8%), identicamente para o questionamento sobre quem contribui com as despesas da casa, em que você e seu parceiro(a) (51,7%) e você (46,6%). A partir das respostas, tem-se um perfil de identificação de quem são os participantes da pesquisa, permitindo uma melhor compreensão de seu contexto socioeconômico.

Observa-se que a maioria dos docentes reside em domicílios com mais de um contribuinte financeiro, o que pode indicar um compartilhamento de responsabilidades econômicas no ambiente familiar. Além disso, o alto percentual de respondentes com outra formação sugere que muitos desses profissionais buscaram qualificação adicional ao longo de suas carreiras. Esses fatores podem influenciar diretamente suas decisões financeiras e sua percepção sobre o bem-estar financeiro (BEF). Ainda no questionário, para compreender melhor o perfil do público-alvo, foram incluídas duas questões consideradas relevantes para a análise dos dados: a instituição onde o docente leciona e o curso que ministra majoritariamente. Para isso, foram elaborados os seguintes gráficos, visando uma melhor visualização

.

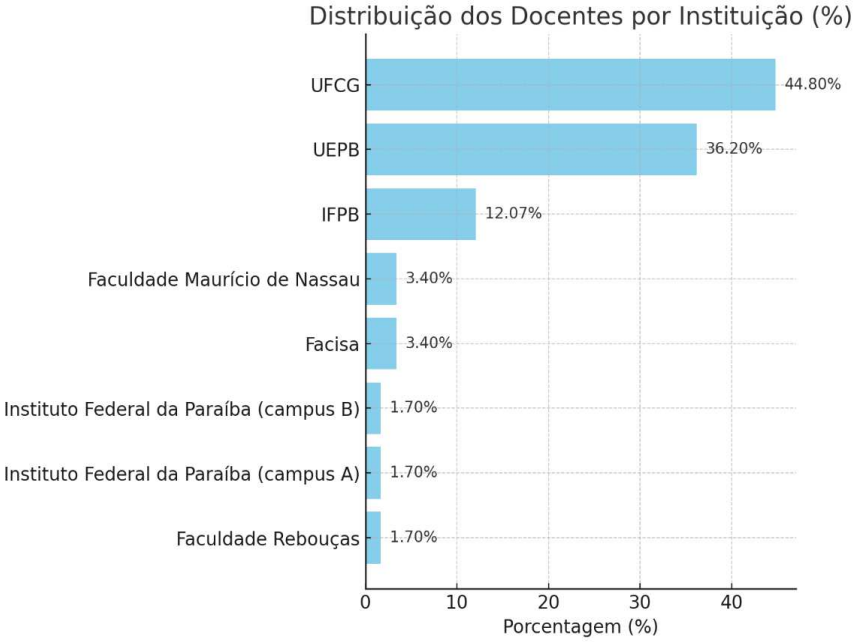
Gráfico 1 – Cursos de Graduação



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Como resultado, o curso de Administração obteve a maior porcentagem de respostas (24,1%), seguido pelo curso de Enfermagem (15,5%). Em seguida, destacam-se os cursos de Serviço Social (5,2%), Psicologia e Ciência da Computação (3,4%), enquanto os demais cursos de graduação registraram apenas 1% das respostas.

Gráfico 2 – Instituições de ensino superior



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No que se refere às instituições de ensino, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) registrou a maior porcentagem de respostas (44,8%), seguida pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com (36,2%). A maior representatividade dessa amostra no estudo deve-se à facilidade de acesso a essas instituições que são públicas, fator que potencializou a participação dos respondentes e influenciou a distribuição dos dados coletados.

Para à variável idade, a questão foi apresentada em formato aberto, permitindo que os respondentes informassem livremente o ano de nascimento. Em seguida a Tabela 02 apresenta a distribuição etária dos respondentes apresentada por meio da **média** (idade média dos respondentes), **mediana** (idade central da amostra) e **contagem** (número total de participantes), proporcionando uma visualização mais clara da composição etária da amostra.

Tabela 02 – Distribuição Etária dos Respondentes

Idade dos participantes	
Média	45 anos e 11 meses
Mediana	45
Contagem	58

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os resultados indicam que a média de idade dos docentes participantes é de quase de 46 anos, sugerindo que a maioria se encontra em uma faixa etária mais avançada. Tal constatação pode estar relacionada ao tempo exigido para a conclusão da formação acadêmica e à progressão na carreira, processos que demandam titulação avançada e significativa experiência profissional.

4.1 GERENCIAMENTO FINANCEIRO

Com o intuito de analisar o gerenciamento financeiro dos docentes, as perguntas abordaram diversos aspectos da administração de suas finanças pessoais, incluindo padrões de consumo, controle de gastos regulares e prática de poupança. A seguir, apresenta-se a análise descritiva das respostas, conforme ilustrado na Tabela 03.

Tabela 03 – Gestão financeira pessoal dos docentes (continua)

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Com relação aos seus gastos, você diria que:	Gasta menos que do que ganha	36	62,1
	Gasta igual ao que ganha	15	2,9
	Gasta mais do que ganha	7	12,1
Qual das seguintes afirmações melhor descreve o quanto você controla seus gastos regulares?	Não costuma controla seus gastos	2	3,4
	Mantém um pequeno controle sobre seus gastos	12	20,7
	Não mantém escrito, mas controla os gastos	13	22,4
	Utiliza anotações por escrito para manter maior controle dos gastos	3	53,4
Você faz algum tipo de poupança?	Não, nunca fiz.	25	17,2
	Não, mas já fiz.	10	0
	Sim. Tenho dinheiro em casa.	1	1,7
	Sim, em dinheiro no banco (ou poupança)	21	37,9
	Sim, em estoques/equipamentos para empreender	0	0

Fonte: Dados de pesquisa (2024).

Tabela 03 – Gestão financeira pessoal dos docentes (continuação)

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Você faz algum tipo de poupança?	Sim, em investimentos.	25	43,1
Quando sobra dinheiro, ao final do mês, o que você faz?	Nunca sobra dinheiro	4	6,9
	Compro mais alimento	3	5,2
	Compro coisas para casa	8	13,8
	Guardo o dinheiro para gastos futuros	30	51,7
	Compro roupas e calçados	9	15,5
	Gasto com lazer	14	24,1

	Realizo investimentos em negócios (empreendo, imóveis, equipamentos)	5	8,6
	Pago prestações	4	6,9
	Invisto no mercado financeiro	21	36,2
Você possui reserva de emergência?	Sim	42	72,4
	Não	16	27,6

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Com relação a gestão e controle de gastos por parte dos docentes do ensino superior, obteve-se que (62,1%) gasta menos do que ganha, conforme sugerem os dados colhidos no questionário, demonstrando que há um equilíbrio nas receitas e despesas da maioria dos docentes. Ratificado assim por Vieira *et. al* (2016), dado que evidenciou a importância de buscar conhecimento financeiro e aplicá-lo na prática, a fim de alcançar o BEF, evitando situações de dívidas, pois mesmo que a renda seja um fator determinante, faz-se necessário a busca por equilíbrio entre despesa e receita.

Observa-se também que uma parcela significativa dos professores mantém um pequeno controle dos gastos (53,4%). Esta prática demonstra uma abordagem proativa na gestão de finanças pessoais, o que é consistente com as recomendações do Consumer Financial Protection Bureau (2015), que enfatiza a importância da organização financeira para o bem-estar econômico.

Sobre a situação financeira dos docentes, tratando-se do questionamento de: "Quando sobra dinheiro, ao final do mês, o que vocês fazem?", a maioria (51,7%) guarda dinheiro para gastos futuros, bem como (36,2%) investe no mercado financeiro. Demonstrando assim, que os professores estão gerindo suas finanças de forma consciente, e preparando-se para o futuro, o que implica dizer que possuem alfabetização financeira conforme afirmado pela Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OECD, 2005), pois a alfabetização financeira é caracterizada como a busca por conhecimento e desenvolvimento de habilidades a fim das pessoas tornarem-se mas despertos dos riscos e oportunidades financeiras, com escolhas mais conscientes e informadas para melhorar seu bem-estar financeiro.

Quando questionados sobre "Você faz algum tipo de poupança?", os professores em sua maior parte (43,1%) realizam investimentos, e (37,5%) possui dinheiro no banco (ou poupança), sendo que (17,2%) nunca fez. Esta abordagem está em concordância com os estudos de Floriano

et al. (2020), que sublinham a educação financeira como um fator crucial para o desenvolvimento de competências de poupança e investimento. O ato de poupar parte da renda mensalmente, conforme expresso por alguns participantes, não é somente uma medida de autoproteção, mas também um passo em direção à concretização de metas financeiras de longo alcance.

Para a pergunta sobre o quanto o respondente controla seus gatos regulares, a maior quantidade (53,1%) utiliza anotações por escrito para manter maior controle, e (22,4%) não mantém escrito, mas controla os gastos. Evidenciando positivamente o controle financeiro dos respondentes, mas ressaltando a necessidade também de ferramentas que permitam um acompanhamento preciso das despesas para evitar o endividamento e promover a saúde financeira (Diniz *et al.,* 2014).

No que diz respeito à reserva de emergência, 72,4% das respostas foram afirmativas, indicando que essas pessoas buscam obter proteção contra imprevistos futuros, permitindo enfrentar dificuldades sem recorrer, por exemplo, a empréstimos. Por isso para resumir também a questão do gerenciamento financeiro, foi feita uma análise da situação financeira, incluindo a investigação de possíveis dívidas, verificação se o nome está vinculado a cadastros negativos e se houve empréstimos do nome para terceiros. A Tabela 04 abaixo detalha esses aspectos:

Tabela 04 - Situação financeira dos docentes.

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Você possui dívidas em atraso? (Pode marcar quantas opções necessárias)	Não possuo dívidas em atraso	46	79,3
	Sim, no supermercado do bairro	0	0
	Sim, em lojas com crediário próprio	1	1,7
	Sim, com familiares	3	5,2
	Sim, com algum banco	8	13,8
	Sim, com amigos	0	0
	Sim, com agiotas	0	0
	Sim, com outros	3	5,2
Você já teve, ou tem, seu nome ligado ao cadastro negativo (nome sujo)?	Não	41	70,7
	Sim, no passado	13	22,4
	Sim, atualmente	4	6,9
	Não	39	67,2

Você já emprestou, ou está emprestando seu nome para outra pessoa realizar alguma compra (pode ser cartão de crédito)?	Sim, no passado	14	24,1
	Sim, atualmente	5	8,6

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os resultados obtidos indicam que a maioria dos participantes não possui dívidas em atraso (79,3%). Dentre os docentes que possuem dívidas, os percentuais observados foram menores, correspondendo a 13,8% e 5,2%, respectivamente. Em relação ao nome vinculado ao cadastro negativo também grande parte respondeu que não (70,7%), indicando que conseguem cumprir suas obrigações financeiras e não possuem dificuldades, (22,4%) já possuíram no passado, o que também é favorável. Assim, observa-se uma consonância com os achados de Silva et al. (2020), que indicam que o endividamento é influenciado por aspectos sociais e econômicos, onde a renda e o aumento da escolaridade têm um impacto significativo no bem-estar financeiro (BEF).

Quanto a prática de emprestar ou ter emprestado o nome para alguém, (67,2%) dos respondentes afirmaram que nunca o fizeram, enquanto (24,1%) já o fizeram no passado e (8,6%) continuam a fazê-lo atualmente. Esses dados mostram que os entrevistados estão cientes dos riscos associados a emprestar o nome a terceiros, como a possibilidade de inadimplência e potenciais conflitos.

4.2 COMPORTAMENTO FINANCEIRO

Na variável comportamento financeiro, a maioria dos professores responderam questões relacionadas a forma que realizam seu controle de gastos, bem como se este analisa comparação de preços no ato de compra, ou se faz reserva de emergência pensando no longo prazo. Com o intuito de avaliar o comportamento em relação as finanças dos docentes, foi pedido através de uma escala likert de 1 a 5, que informasse a periodicidade em que é feito cada um dos itens descritos representados na Tabela 05 a seguir:

Tabela 05 – Comportamento financeiro dos docentes.

Variáveis	Percentual					
Marque a alternativa para cada frase, conforme o seu modo de pensar.	**Média**	**Nunca**	**Quase nunca**	**Às vezes**	**Quase sempre**	**Sempre**
Você anota e controla os seus gastos pessoais (Ex. Planilha de receitas e despesas mensais)	3,60	6,89	17,24	13,79	34,80	27,58
Você compara os preços ao fazer uma compra	4,09	3,45	0	13,79	50	32,75
Você faz um plano de gastos/orçamento	3,60	6,89	10,34	24,13	32,76	25,86
Você analisa suas contas antes de fazer uma compra de alto valor	4,57	1,72	1,72	6,89	17,24	72,41
Você passa a poupar mais quando recebe um aumento de salário	3,36	5,17	22,41	18,97	37,93	15,52
Você faz uma reserva de dinheiro que recebe mensalmente para uma necessidade futura	3,69	10,34	13,79	12,07	24,14	39,66
Você guarda parte de sua renda todo mês	3,59	12,07	12,07	12,07	32,76	31,03
Você guarda dinheiro regularmente para atingir seus objetivos financeiros de longo prazo. (Ex. Educação dos filhos, comprar uma casa, aposentadoria)	3,60	10,34	15,52	15,52	20,69	37,93

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Observa-se que grande parte (34,8%) quase sempre anota e controla os seus gastos pessoais por meio de planilhas de receitas e despesas, e (27,58%) sempre faz esse controle de gastos. Reforçando assim a importância que é se atentar-se para suas despesas, de forma que possa haver um comedimento dos recursos financeiros disponíveis. O questionário indica que a adoção dessas ferramentas pode facilitar a tomada de decisões mais informadas, permitindo uma visão holística das finanças que pode contribuir para um comportamento econômico mais responsável e eficiente (Lusardi & Tufano, 2015). Além disso, esta estratégia de controle pode ser interpretada como um reflexo de um conhecimento financeiro mais avançado, que tem sido associado a melhores resultados financeiros e a um maior bem-estar (Gerrans et al., 2014). Assim, a prática de monitoramento constante e detalhado das finanças pessoais pode servir como um indicativo de um comportamento financeiro saudável.

Na alternativa pertinente a comparação dos preços ao realizar uma compra (32,75%) respondeu sempre, estando quase sempre em maior percentual (50,0%). Revelando que os

docentes são conscientes em relação ao consumo, como é evidenciado pela tendência a comparar preços e ponderar sobre as contas antes de efetuarem aquisições significativas. Esta conduta ressoa com Kunkel *et. al* (2015) que releva a preocupação e insegurança com a utilização do dinheiro, como forma de diminuição do consumo e que vai influenciar diretamente no significado que o indivíduo atribui aos seus recursos monetários, consequentemente diminuindo compras excessivas, e compulsão.

A análise das respostas ao questionário sugere que os docentes não agem impulsivamente, pelo contrário, adotam uma postura analítica e prudente frente às ofertas do mercado, alinhando-se aos padrões de consumo recomendados na literatura sobre bem-estar financeiro (Campara et al., 2017).

Sobre o plano de gastos e orçamentos o maior percentual (32,76%) quase sempre realiza, e (25,86%) sempre. E para a pergunta: "Você analisa suas contas antes de fazer uma compra de alto valor?", (72,41%) respondeu que sempre, sendo notório que os professores fazem uma análise de suas despesas antes de realizarem compras de alto valor apontando para uma aplicação prática de seus conhecimentos financeiros. Esta análise detalhada das práticas de consumo dos docentes alinha-se com os achados de Campara, Vieira, & Potrich, (2017), que enfatizam um bom gerenciamento das finanças como um ato essencial para minimização de preocupações futuras e maximização do BEF, transcendendo a mera aquisição de renda.

Também é evidente que os docentes poupam mais quando recebem um aumento (37,93%) quase sempre, mas também existe um grande número (22,41%) quase nunca. E quanto a reserva mensal para uma necessidade futura, obtém-se (39,66%) sempre e (24,14%) quase sempre. Esse resultado demonstra que existe o hábito de poupar entre os docentes, uma vez que maior parte busca acumular recursos financeiros com consciência da necessidade de preparação para o futuro. Esta postura corresponde às descobertas de Vieira *et. al* (2017) pois com ações de poupanças para consumo futuro pode-se evitar uma série de situações financeiras adversas e proporcionar mais segurança e tranquilidade.

Ainda relacionado ao hábito de guardar dinheiro, a questão sobre guardar parte da renda todo mês alcançou-se o resultado de (32,76%) quase sempre, e (31,03%) sempre, como também (37,96%) responderam sempre na próxima pergunta referente ao fato de guardarem dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo (Ex. Educação dos filhos, comprar uma casa, aposentadoria), com (20,69%) quase sempre.

A preocupação com a eficiência do controle de gastos é evidente, e o questionário mostra que muitos docentes estão cientes da importância de economizar e se preparar para despesas futuras. Este comportamento está em linha com as observações de Campara et al.

(2017), que reconhecem a estabilidade financeira como uma componente crucial para a satisfação geral da vida. No entanto, a pesquisa também sugere que para alguns docentes, poupar é visto como um desafio, dado que ainda se atingiu resultados bem alarmantes, como por exemplo (15,52%) que respondeu quase nunca no que se refere a última variável da Tabela 03.

4.3 ATITUDE FINANCEIRA

Na sequência, buscou-se analisar a atitude financeira dos docentes, investigando suas percepções sobre a gestão de seus recursos financeiros. Para isso, utilizou-se uma escala Likert, que possibilita avaliar a intensidade com que os participantes concordam ou discordam de cada afirmação, proporcionando uma compreensão mais detalhada dessas atitudes, conforme apresentado na Tabela 06 a seguir:

Tabela 06 – Atitude financeira dos docentes.

Variáveis	**Percentual**					
Marque a alternativa para cada frase, conforme o seu modo de pensar.	Média	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Para você é importante definir metas para o futuro	4,55	0	0	1,72	41,37	56,89
Você acredita que a maneira como administra seu dinheiro vai afetar seu futuro	4,64	0	1,72	0	31,03	67,24
Você não se preocupa com o futuro, vive apenas o presente	1,57	56,89	34,48	3,45	5,17	0
Poupar é impossível para sua família	1,91	34,48	48,28	10,34	5,17	1,72
Depois de tomar uma decisão com o seu dinheiro, você se preocupa muito com essa decisão.	3,60	5,17	12,07	20,69	41,38	20,69
É difícil construir um planejamento de gastos familiar	2,62	25,86	25,86	13,79	29,31	5,17
Você considera mais satisfatório gastar dinheiro, do que poupar para o futuro.	2,48	20,69	39,66	18,97	12,07	8,62
Para você o dinheiro é feito para gastar com seu conforto	3,33	5,17	22,41	15,52	48,27	8,62

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os professores demonstram que é importante definir metas para o futuro (56,89%) concordam totalmente, e (41,37%) concordam. Assim como (67,24%) concordam totalmente que a maneira como administram seu dinheiro vai afetar seu futuro, e (31,03%) apenas concordam. A literatura atual sustenta que a definição de objetivos claros e alcançáveis está fortemente associada ao bem-estar financeiro e à satisfação com a vida (Campara et al., 2017). Os participantes deste estudo parecem reconhecer que a maneira pela qual gerenciam suas finanças no presente pode ter repercussões significativas no futuro, refletindo uma mentalidade proativa na construção de um amanhã seguro e estável.

Quanto a não se preocupar com o futuro e apenas viver o presente, têm-se (56,89%) discordando totalmente, e em seguida (34,48%) que também discordam. Isso implica que, de fato, há uma preocupação quanto ao planejamento financeiro de longo prazo. Ainda no que se refere ao planejamento financeiro, fez-se necessário também avaliar o planejamento financeiro familiar, sendo uma das opções: "Poupar é impossível para sua família" no qual obtém-se (48,28%) discordando e (34,48%) discordando totalmente. Observa-se que além do próprio docente, o ambiente em que se encontra inserido também contribui para sua atitude financeira, haja vista que existe a influência social, ou seja, o comportamento financeiro da sua família influenciará também suas atitudes em relação ao dinheiro.

A respeito de: "Depois de tomar uma decisão com o seu dinheiro, você se preocupa muito com essa decisão", obteve-se (41,38%) concordando totalmente, e (20,69%) sendo indiferente ou apenas concordando. No que concerne ao alinhamento entre ações atuais e expectativas futuras, os docentes mostram uma inclinação para a prudência e previsão. Pois o BEF sendo o cumprimento pleno das obrigações financeiras atuais e contínuas, auxilia em escolhas futuras que permitem seguridade a longo prazo (CFPB, 2015).

Na variável "É difícil construir um planejamento de gastos familiar" (média 2,62), foi verificado um maior número de docentes (26,31%) que concordam, estando em proximidade (25,86%) que discordam ou discordam totalmente. Assim visualizamos que não há uma harmonia, pois a partir das respostas maior parte não possui dependentes, e tem hábitos de poupar.

Para a variável "Você considera mais satisfatório gastar dinheiro, do que poupar para o futuro" (média 2,48), e "Para você o dinheiro é feito para gastar com seu conforto" (média 3,33), tratando-se da primeira obtém-se (39,66%) discordando, e na segunda (48,27%) concordam. Analisando assim, o consumo consciente e hábitos de poupança, sendo notório que existe uma atitude preventiva em relação ao endividamento, e planejamento seguro dos recursos

monetários que visam maximizar o bem-estar financeiro, e auxiliar numa melhor qualidade de vida (Campara, Vieira e Potrich 2017).

A partir das respostas relacionadas às atitudes financeiras dos docentes, observa-se uma crescente conscientização sobre a importância do planejamento e da gestão financeira responsável, fatores essenciais para a construção de uma vida financeira estável e segura.

4.4 ATITUDE AO ENDIVIDAMENTO

A análise da estatística descritiva sobre a atitude em relação ao endividamento indica que os docentes possuem consciência da gestão financeira, evidenciada pelas médias das variáveis analisadas. As questões não invertidas apresentam médias de até 2, refletindo discordância, enquanto as invertidas possuem médias de até 4, indicando concordância. Esses resultados estão apresentados na Tabela 07.

Tabela 07 – Atitude ao endividamento dos docentes, percentuais e médias.

Variáveis	**Percentual**					
Marque a alternativa para cada frase, conforme o seu modo de pensar.	Média	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Para você é normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas contas	1,83	37,93	48,28	6,9	6,9	0
Você prefere comprar parcelado a ter que esperar para comprar à vista um item de alto valor	3,17	8,62	18,97	31,03	29,31	12,07
Você prefere pagar parcelado mesmo que no total saia mais caro	1,97	39,66	39,66	8,62	8,62	3,45
Não tem problemas ter dívidas se você sabe que pode pagar	2,76	18,97	31,03	15,51	24,14	10,34
Não é certo gastar mais do que você ganha **	4,52	5,17	1,72	0	22,41	70,69
As pessoas ficariam desapontadas contigo se soubessem que você possui dívida **	2,95	12,07	12,07	51,72	17,24	6,89
É melhor primeiro juntar dinheiro e só depois gastar **	3,69	1,72	13,79	18,97	44,83	20,69
Você sabe exatamente quanto deve em lojas, cartão de crédito ou banco **	4,19	3,45	8,62	1,72	37,93	48,28
É importante saber controlar os gastos de sua casa **	4,72	0	1,72	0	22,41	75,86

** Questões invertidas.

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Algumas variáveis analisadas individualmente também indicam menos propensão ao endividamento, como: “Não é certo gastar mais do que se ganha”, com média de 4,52, em que (70,69%) concorda totalmente e (22,41%) concorda. E para a afirmação: “É importante saber controlar os gastos de sua casa.”, com a média de 4,72 em que (75,86%) concorda totalmente e (22,41%) concorda. Salientando assim, a importância que atribuem ao controle financeiro, pois ambas as variáveis são invertidas, o que significa que quanto maior a média, menor a propensão ao endividamento. Evidente então, que o comportamento financeiro afeta o nível de endividamento, como proposto por Lusardi e Tufano (2015).

Para a afirmação “É melhor primeiro juntar dinheiro e só depois gastar.”, observou-se uma média de 3,69, com (44,86%) dos respondentes expressando concordância, e (20,69%) concordam totalmente, e a variável “Você sabe exatamente quanto deve em lojas, cartão de crédito ou banco” com média de 4,19, donde (48,28%) concordam totalmente, e (37,93%) concordam, também demonstram uma diminuição no grau de endividamento, revelando que essa prática prudente é consistente entre os respondentes, independentemente da sua área de especialização ou nível de renda, sugerindo uma cultura de responsabilidade financeira. Confirmado por Fraga *et. al* (2017), que determinam o bem-estar financeiro como condicionado por uma gama de fatores que transcendem a simples questão da renda, incluindo gênero, estado civil, nível de escolaridade, existência de dependentes, entre outros.

Para as respostas relacionadas a preferência em comprar parcelado, mesmo que no total saia mais caro, é evidente a percepção dos respondentes de que essa prática não é satisfatória devido à incidência de juros. Além disso, os respondentes não consideram comum que as pessoas se endividem para pagar contas, uma vez que entendem ser mais adequado quitá-las sem recorrer ao endividamento. Sendo verificado as variáveis: “Você prefere pagar parcelado mesmo que no total saia mais caro” média 1,97, com (39,66%) discordando e discordando totalmente, e “Para você é normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas contas” média 1,83, com discordância (48,28%) e discordando totalmente (37,93%).

Verifica-se, ainda, que a variável “Você prefere comprar parcelado a ter que esperar para comprar à vista um item de alto valor” com (31,03%) dos respondentes se mostrando indiferentes e (29,31%) manifestando concordância. Da mesma forma, o item “Não tem problemas ter dívidas se você sabe que pode pagar” registra média de 2,76, com (31,03%) dos participantes discordando e (24,14%) concordando. Tais resultados indicam que, embora algumas pessoas considerem vantajoso parcelar compras ou recorrer a empréstimos para quitar dívidas, essa prática está relacionada à facilidade de acesso ao crédito, uma das principais causas de endividamento (Flores *et al*., 2013).

Em síntese, é perceptível nas respostas dos docentes uma organização financeira, e maior precaução em relação a contração de dívidas, verifica-se que as decisões de compra são baseadas em uma análise criteriosa das finanças pessoais, evidenciando não apenas compreensão econômica, mas também uma aplicação efetiva desse conhecimento na vida cotidiana, conforme sugerido pela literatura sobre educação financeira (Floriano *et.al*., 2020).

4.5 SATISFAÇÃO COM A VIDA

A satisfação com a vida é um componente do bem-estar subjetivo, que reflete a avaliação interna e individual que uma pessoa faz da qualidade de sua vida. Este bem-estar subjetivo é um conceito amplo que engloba percepções e sentimentos sobre a vida, incluindo emoções positivas e negativas, além de julgamentos cognitivos. A Tabela 07 apresenta percentuais e médias referentes às diversas dimensões do bem-estar subjetivo dos docentes.

Tabela 07 – Satisfação com a Vida

Variáveis	**Percentual**					
Marque a alternativa para cada frase, conforme o seu modo de pensar.	Média	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
A sua vida está próxima do ideal	3,48	5,17	18,97	8,62	56,9	10,34
Suas condições de vida são excelentes	3,41	1,72	24,14	15,52	48,27	10,34
Você está satisfeito com sua vida	3,88	0	12,06	1,72	72,41	13,79
Até agora você tem conseguido as coisas importantes que quer na vida	3,93	1,72	6,9	8,62	62,07	20,69
Se você pudesse mudar sua vida de novo, não mudaria quase nada	3,38	8,62	24,13	5,17	44,83	17,24

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Verifica-se nas respostas que em suas médias e percentuais os docentes demonstram uma percepção sobre sua vida de forma positiva, com médias maiores que 3 (três), sendo as questões com maior concordância “Até agora você tem conseguido as coisas importantes que quer na vida” média 3,93, com (62,07%) concordando, e (20,69%) concordando totalmente, e “Você está satisfeito com sua vida” média 3,88, em que (72,41%) concordam e (13,79%) concordam totalmente.

Outra questão considerada muito importante, é a proximidade do indivíduo em relação ao seu ideal de vida, com média de 3,48, donde (56,90%) concordam que sua vida está sim próxima do ideal, e (18,97%) discordam. E para a perspectiva de que se houvesse a possibilidade de mudar a vida novamente, o respondente não a mudaria, obteve-se (44,83%) concordando com essa afirmação, e (17,24%) concordando totalmente, ao passo em que (24,13%) discordam. Todavia os maiores percentuais indicaram concordância com as afirmações, sugerindo que os respondentes estão satisfeitos e têm poucas intenções de mudanças. A discordância maior pode ser explicada por comparações pessoais dos docentes, variando conforme fatores como comportamentos, atitudes em relação ao dinheiro e realizações pessoais.

Por último, na questão "Suas condições de vida são excelentes", média 3,41, (48,27%) concordam, enquanto (24,14%) discordam, obtendo média próxima a variável "Se você pudesse mudar sua vida de novo, não mudaria quase nada", caracterizando pontos de melhoria na vida dos professores, pois as condições de vida excelentes também são influenciadas por diversos fatores que abrangem diferentes aspectos de vida, tal qual, estilo de vida, estabilidade econômica, seguridade pessoal, emprego, renda, entre outros. A análise dessa resposta, confirma que a falta de BEF é uma problemática que pode relacionar-se com questões sociais, qualidade de vida, e satisfação com a vida. (Kelmara *et. al* 2020).

4.6 BEM-ESTAR FINANCEIRO

Assim como no aspecto de satisfação com a vida, no bem-estar financeiro também foi realizada a análise descritiva. Esse fator exerce influência sobre diversas variáveis, como a qualidade de vida, atitudes em relação ao endividamento, comportamentos financeiros e a busca por conhecimento financeiro cujos resultados estão apresentados na Tabela 08.

Tabela 08 – Bem-estar financeiro dos docentes, médias e percentuais (parte 01).

Variáveis	**Percentual**					
Marque a alternativa para cada frase, conforme o seu modo de pensar.	Média	De modo nenhum (1)	Muito pouco (2)	Um pouco (3)	Muito bem (4)	Completamente (5)
Você pode lidar com uma grande despesa inesperada	2,59	15,52	22,41	51,72	8,62	1,72

Você está garantindo seu futuro financeiro	3,07	5,17	22,41	39,66	25,86	6,9
Por causa da sua situação financeira, você sente que nunca terá as coisas que quer na vida	1,73	46,55	34,88	18,97	0	0
Você pode aproveitar a vida devido a forma que está administrando seu dinheiro	3,36	3,45	18,97	29,31	34,48	13,79
Você está apenas sobrevivendo financeiramente	1,97	48,28	24,14	15,52	6,9	5,17
Você está preocupado(a) que o dinheiro que tem ou terá economizado não será suficiente	3,00	5,17	27,57	39,66	17,24	10,34

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao explorar esse fator, percebemos que a média de 3,00 é mais evidente, compreende-se assim que o nível do bem-estar financeiro dos docentes é intermediário. A maior média foi de 3,36 com a alternativa "Você pode aproveitar a vida devido a forma que está administrando seu dinheiro", com 51,72% afirmando que um pouco e 22,41% em muito pouco, ou seja, eles não sentem que de fato apreciam seu modo de viver, demonstram não possuir a capacidade de ter momentos de lazer e bem-estar devido a sua gestão financeira pessoal. Seguindo há a média de 3,07, que corresponde à "Você está garantindo seu futuro financeiro", com 39,66% também afirmando que muito pouco, e 25,86% muito bem, o que mostra que maior parte dos docentes não se preocupam tanto em alcançar um maior bem-estar, pois não possuem tanto interesse em acumular recursos e se resguardar de eventuais despesas inesperadas, ou infortúnios que possam vir a ocorrer no futuro.

Dessa maneira, principalmente no que se refere a garantia do futuro financeiro existe um apontamento de uma dupla realidade: por um lado, há docentes que demonstram estar se preparando para emergências financeiras e confiantes em sua segurança financeira a longo prazo; por outro, em maior quantidade existem aqueles que não estão realizando um planejamento financeiro. Mas cabe ressaltar que essa conscientização sobre a importância de gerenciar seus recursos e estabelecer metas pode variar individualmente, em virtude de haver diferentes pontos de vistas. (Gerran *et al*. 2014)

Seguindo obtém-se a variável "Você está preocupado(a) que o dinheiro que tem ou terá economizado não será suficiente" (média 3,00), em que 39,66% dizem que um pouco e 27,57% muito pouco. Esse cenário revela que não há tantas incertezas quanto aos recursos financeiros disponíveis no futuro. Na variável "Você pode lidar com uma grande despesa inesperada" (média 2,59), 51,72% afirmam que um pouco, e 22,41% muito pouco, comprovando assim mais

uma vez que não existe a capacidade de acumular recursos, sendo perceptível que existe uma insuficiência de objetivos com finalidade de garantir sem bem-estar financeiro no futuro.

Ao examinar o questionário, observa-se que o planejamento financeiro não é uma prática comum entre os docentes. Isso indica a necessidade de mudar esse hábito, adotando práticas de gestão financeira que promovam estabilidade, segurança e bem-estar, tanto no presente quanto no futuro, visando uma melhor qualidade de vida, e prevenindo problemas futuros que podem afetar também a saúde do indivíduo. Pois conforme retratado nos estudos de Kelmara *et al*. (2020), a perda do bem-estar financeiro também é um problema significativo que se relaciona no âmbito o social, na satisfação, felicidade e qualidade de vida, além de também estar associada ao aumento da ansiedade e depressão.

Nas variáveis "Você está apenas sobrevivendo financeiramente" média (1,97) e "Por causa da sua situação financeira, você sente que nunca terá as coisas que quer na vida" (média 1,73), (48,28% e 46,55% respectivamente), responderam "de modo nenhum", constando que embora tenham dificuldade em poupar para o longo prazo, conseguem cobrir suas despesas diárias e alcançar alguns de seus objetivos e desejos. No entanto, essa situação é preocupante, pois a falta de uma margem de segurança pode causar grandes dificuldades em situações de emergências, tal como para alcançar seus objetivos financeiros, é essencial adotar estratégias financeiras.

Tabela 09 – Bem-estar financeiro dos docentes, médias e percentuais (parte 02).

Variáveis	**Percentual**					
Marque a alternativa para cada frase, conforme o seu modo de pensar.	Média	Nunca (1)	Raramente (2)	Às vezes (3)	Frequentemente (4)	Sempre (5)
Dar um presente de casamento, aniversário ou outra ocasião colocaria em dificuldade as suas finanças do mês	1,91	37,93	37,93	18,97	5,17	0
Você tem dinheiro sobrando no final do mês	3,22	8,62	17,24	31,03	29,31	13,79
Você não está em dia com as suas finanças	2,03	50	18,97	17,24	5,17	8,62
Suas finanças controlam sua vida	2,62	12,07	34,48	36,2	13,79	3,45

*Quanto maior a concordância maior BEF.

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nessa segunda tabela, percebe-se que a maior média é 3,22 na variável “Você tem dinheiro sobrando no final do mês” com 31,03% afirmando que às vezes e 29,31% frequentemente, tornando-se exposto novamente que ocasionalmente não há excedente de dinheiro para a maior quantidade. Continuando nas variáveis “Você não está em dia com suas finanças” (média 2,03), com 18,97% raramente e 17,24% às vezes e “Suas finanças controlam sua vida” (média 2,62), têm-se 36,20% às vezes e 34,48% raramente. Tal achado revela que, apesar da falta de planejamento financeiro formal, o controle das finanças pessoais é positivo. As obrigações financeiras são cumpridas no prazo, indicando uma gestão adequada dos recursos. Isso demonstra que, embora o planejamento seja importante, ele não precisa dominar todos os aspectos da vida de uma pessoa para que haja um controle financeiro eficaz.

Em referência a dar um presente de casamento, aniversário, ou outra ocasião colocar em dificuldade as finanças do mês, a média foi de 1,91, com 37,93% respondendo que nunca ou raramente, denotando assim que possuem o suficiente e que necessariamente o ato de presentear alguém não implicaria em suas necessidades básicas. Essa organização financeira, nesse contexto, é evidenciada pela capacidade de conciliar o cumprimento das obrigações diárias com a gestão de despesas imprevistas ou eventuais.

Uma análise adicional de fatores principais foi realizada, envolvendo outro fator relevante na pesquisa, a saber, o conhecimento financeiro, com base na compreensão dos docentes sobre conceitos financeiros fundamentais. A seção a seguir trata-se desse aspecto.

4.7 CONHECIMENTO FINANCEIRO

No fator conhecimento financeiro foram expostas 8 questões de múltiplas escolhas em que os respondentes precisavam responder marcando a alternativa que julgam correta. Dessa maneira, o intuito da nona seção do questionário é entender o nível de conhecimento financeiro em relação a juros percentuais, valor do capital ao longo do tempo, risco e retorno, matemática e inflação.

Tabela 10 – Frequência e percentual do fator Conhecimento financeiro (parte 01)

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Suponha que você tenha R$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros compostos de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança?	Mais do que R$ 150,00 *	37	63,8
	Exatamente R$ 150,00	10	17,2
	Menos do que R$ 150,00	6	10,3

Considere que não tenha sido depositado nem retirado dinheiro.	Não sabe.	5	8,6
Suponha que no ano de 2024 sua renda dobrará e os preços de todos os bens também dobrarão. Em 2024, o quanto você será capaz de comprar com sua renda	Mais do que hoje	7	12,1
	Exatamente o mesmo *	40	69
	Menos do que hoje	9	15,5
	Não sabe.	2	3,4
Considerando-se um longo período de tempo (Ex. 10 anos), qual ativo normalmente oferece maior retorno?	Poupança	0	0
	Ações *	48	82,8
	Não sabe.	10	17,2
Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R$ 1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um deve ganhar?	R$ 100,00	0	0
	R$ 200,00 *	54	93,1
	R$ 1.000,00	4	6,9
	R$ 5.000,00	0	0
	Não sabe.	0	0
Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco. Essa afirmação é:	VERDADEIRA *	49	84,5
	FALSA	2	3,4
	Não sabe.	7	12,1
Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos no final será menor. Essa afirmação é	VERDADEIRA *	39	67,2
	FALSA	7	12,1
	Não sabe.	12	20,7
Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R$ 1.000,00. A loja "A" oferece um desconto de R$ 150,00 enquanto a loja "B" oferece um desconto de 10%. Qual a melhor alternativa?	Loja A (Desconto de R$ 150,00)*	57	98,3
	Loja B (Desconto de 10%)	1	1,7
	Não sabe.	0	0
Suponha que você realizou um empréstimo de R$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo com os juros é de R$ 600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:	3% ao ano	0	0
	0,6% ao ano	7	12,1
	0,3% ao ano	0	0
	6% ao ano *	39	67,2
	Não sabe.	12	20,7

*Respostas corretas

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Na maior parte das variáveis é visível maior quantidade de acertos do que de erros, principalmente na questão (7 de 8), o que implica dizer que os docentes possuem conhecimento financeiro. Essa questão refere-se ao desconto de 10% aplicado em determinado item de R$1.000,00 em duas lojas, em que 98,3% acertaram. Seguindo, temos a variável "um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco", sendo 84,5% afirmando ser verdadeiro, também acertando, e demonstrando compreender sobre gerenciamento dos riscos.

Na questão que aborda o conhecimento sobre investimentos e rentabilidade no longo prazo, têm-se 82,8% respondendo "ações", donde a maioria acertou, e 17,2% afirmando que "não sabe". Sobre a inflação, o número de acertos em porcentagem também foi satisfatório, com o percentual de 69%, porém 15,5% e 3,4% erraram, marcando as alternativas "menos do que hoje" e "não sei". Dessa forma, apesar de ser em menor porcentagem os erros, ainda é um número significativo, pois estes professores apresentaram deficiências em seu conhecimento financeiro, especialmente em áreas mais complexas como elevação de preços (inflação) e opções de investimento. Esse déficit está alinhado com as descobertas de Chen e Volpe (1998), que identificaram uma falta de compreensão financeira entre estudantes da área de negócios. No entanto, ainda que haja desprovimento para alguns, a maioria obtém resultados significativos.

Nas questões (6 de 8) e (8 de 8), temos 67,2% que por sua vez também responderam corretamente, e com 20,7% afirmando "não sei" errando a alternativa. Ambas se referem a empréstimos, evidenciando assim que os respondentes possuem facilidade no cálculo de juros com base no valor do empréstimo e no período.

Para a variável relacionada a divisão simples de R$1.000,00 entre cinco amigos, 93,5% acertaram, e sobre a primeira variável concernente a rentabilidade ao longo de 5 anos de R$100,00 em uma conta poupança com juros compostos de 10% ao ano, houve também elevado percentual 63,8%, apontando conhecimento sobre juros e rendimento.

Ao final do questionário, a última seção apresentou questões adicionais estruturadas, essenciais para aprofundar a compreensão dos fatores discutidos anteriormente. Esses questionamentos abordam aspectos como o nível de participação em atividades de educação financeira, se o docente já cedeu seu nome para que alguém realizasse uma compra, o conhecimento sobre o tema e uma pergunta aberta sobre as estratégias adotadas para gerenciar despesas inesperadas.

Tabela 11 – Responsabilidade e Risco Financeiro Associado ao Crédito

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Você já emprestou, ou está emprestando o seu nome para outra pessoa realizar alguma compra (pode ser o cartão de crédito)?	Não	39	67,2
	Sim, no passado	14	24,1
	Sim, atualmente	5	8,6

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nos resultados apresentados têm-se que a maioria 67,2% não está emprestando o nome para que terceiros realizem compras, o que evidencia um comportamento mais prudente ou independente em relação às finanças. Contudo, uma parte significativa de 24,1% já passou por essa situação, e uma pequena parte dessas pessoas 8,6% continuam a fazê-lo, refletindo confiança ou dependência em relacionamentos pessoais. Esses dados demonstram que muitas pessoas são cuidadosas com suas finanças, mas também mostra que um número relevante já esteve ou ainda está exposto a riscos financeiros compartilhados. Sabemos que quando alguém empresta seu nome, este assume a responsabilidade por dívidas ou obrigações de outra pessoa, o que pode comprometer sua própria segurança financeira, e esse comportamento reflete nos estudos de Kunkel et al. (2015), uma vez que essa prática envolve riscos financeiros que geram insegurança e preocupação com o uso do dinheiro, influenciando diretamente no comportamento de consumo, desencorajando tanto o gasto excessivo quanto atitudes que possam comprometer sua solidez financeira.

Tabela 12 – Práticas de Educação financeira

Variáveis	Percentual					
	Média	Sempre (1)	Frequentemente (2)	Às vezes (3)	Raramente (4)	Nunca (5)
Quão envolvido(a) está em atividades de educação financeira:	3,43	3,45	17,24	31,03	29,3	18,97

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A pergunta sobre o quanto os participantes estão envolvidos em atividades de educação financeira, foi realizada com base em uma escala do tipo likert de cinco níveis: sempre, frequentemente, às vezes, raramente e nunca.

Com a média de envolvimento em atividades de educação financeira de 3,43, obtém-se, em geral, que os participantes se envolvem "Às vezes" em tais atividades, de acordo com os resultados alcançados. Sendo 31,03% a categoria mais populosa, que sugere que apenas um terço dos docentes se envolvem esporadicamente em práticas de educação financeira, e essa baixa frequência destaca a necessidade de promover mais acesso e conscientização sobre o tema se alinhando com a afirmação do Consumer Financial Protection Bureau (2015) sobre a importância da educação financeira a fim de capacitar as pessoas a tomarem decisões financeiras mais seguras e conscientes.

Tabela 13 – Nível de Conhecimento e Compreensão sobre Gestão Financeira

Variáveis	Percentual					
	Média	Nenhum (1)	Básico (2)	Intermediário (3)	Avançado (4)	Especialista (5)
Qual o seu conhecimento sobre educação financeira?	2,51	10,3	48,3	22,4	17,2	1,7

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A última questão trata da percepção dos docentes sobre seu próprio nível de conhecimento financeiro. Na Tabela 14, os dados são apresentados em termos de médias e percentuais, utilizando uma escala Likert que classifica o conhecimento em diferentes categorias, desde "nenhum" até "especialista".

A média obtida para essa variável foi 2,51, um pouco acima do nível básico. Quase metade dos participantes avaliou seu conhecimento como básico, o que indica certa familiaridade com conceitos financeiros, porém sem aprofundamento. Além disso, 22,4% dos respondentes declararam possuir um nível intermediário de conhecimento, o que sugere uma compreensão mais sólida sobre finanças.

Essa autopercepção dos docentes pode ser compreendida à luz da afirmação de Floriano et al. (2020), que ressalta a educação financeira como um componente fundamental da alfabetização financeira. Conforme esse estudo, essa alfabetização envolve o desenvolvimento de comportamentos adequados para tomadas de decisão em consumo, poupança e investimento, exigindo uma compreensão aprofundada de conceitos relativos à gestão financeira pessoal. Portanto, o fato de quase metade dos respondentes classificar seu conhecimento como básico,

e 22,4% como intermediário, reforça a necessidade de uma formação financeira mais sólida para melhorar a eficácia na tomada de decisões financeiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de descrever fatores que influenciam no bem-estar financeiro dos docentes de ensino superior na cidade de Campina Grande, na Paraíba, focando em cinco fatores principais: Gerenciamento financeiro, Atitude ao Endividamento, Bem-estar Financeiro, Alfabetização financeira e Satisfação com a Vida. Os resultados obtidos oferecem um panorama detalhado sobre como esses educadores gerenciam suas finanças pessoais, estabelecem metas financeiras e enfrentam desafios econômicos.

O primeiro objetivo alcançado indica que, em geral, os docentes possuem um controle razoável de suas finanças, demonstram ter uma gestão financeira consciente e equilibrada, gastando menos do que ganha, guardando dinheiro para o futuro, bem como realizando investimentos, muitos utilizando ferramentas como planilhas e aplicativos para monitorar seus gastos.

Mas, apesar de boa parte realizar investimentos e adotar estratégias de controle de gastos, como anotações por escrito, há espaço para melhorias no que diz respeito ao planejamento financeiro, que não parece ser uma prática generalizada, considerando que 17,24% quase nunca anota e controla seus gastos pessoais indicado na Tabela 05. Esse aspecto sugere a necessidade de uma educação financeira mais robusta, por meio da criação de cursos específicos voltados para docentes, com foco em conceitos e práticas de gestão financeira pessoal que possam aprimorar a compreensão do tema, promover uma reflexão crítica sobre hábitos de consumo e sua influência na saúde financeira, a fim de estimular decisões mais conscientes (OECD, 2005). Essa iniciativa se torna especialmente relevante, considerando que muitos docentes classificam seu conhecimento financeiro como básico, o que pode comprometer a eficácia na tomada de decisões financeiras.

Em relação à Atitude ao Endividamento, os docentes exibem uma postura prudente, com a maioria relatando não ter dívidas em atraso ou o nome vinculado a cadastros negativos. Esse comportamento reflete a tendência de evitar endividamentos impulsivos, favorecendo uma abordagem criteriosa antes de assumir compromissos financeiros. No entanto, é importante destacar que 24,14% dos respondentes afirmam não ver problemas em contrair dívidas, desde que tenham condições de quitá-las. Esse dado sugere que, para uma parcela dos docentes, o endividamento pode ser percebido como um instrumento financeiro viável, quando gerenciado

de forma responsável e alinhado à capacidade de pagamento. Além disso, os educadores demonstram uma atitude preventiva em relação ao consumo, realizando comparações de preços e refletindo antes de efetuar compras de alto valor. Esse comportamento prático e consciente aponta para uma compreensão sólida das finanças, auxiliando-os a evitar dívidas desnecessárias e a manter uma saúde financeira estável.

É notável que a maioria dos docentes se envolvem regularmente com práticas de educação financeira, com média de 3,43. Contudo, é preocupante o fato de que 29,3% dos respondentes afirmam raramente participar dessas práticas. Essa discrepância é assinalante, pois a ausência de um aprofundamento contínuo no conhecimento financeiro pode comprometer a capacidade desses indivíduos de lidar com situações econômicas mais complexas no futuro. Como destacado por Floriano et al. (2020), a educação financeira desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades essenciais para a poupança e o investimento. A falta dessas competências pode prejudicar a capacidade dos docentes de tomar decisões financeiras informadas e eficazes.

No que diz respeito à Satisfação com a Vida Financeira, os resultados indicam uma percepção geralmente positiva, embora variem de acordo com as atitudes individuais em relação ao dinheiro. Essa satisfação reflete um sentimento de estabilidade e controle sobre as finanças, mas também reforça a importância de um planejamento financeiro mais robusto e consistente, a fim de garantir um bem-estar duradouro e uma melhor qualidade de vida.

Concluindo, os achados deste estudo são altamente relevantes, ao evidenciar uma cultura de responsabilidade financeira entre os docentes, marcada por organização e prudência. Essas práticas representam uma contribuição valiosa para a literatura sobre finanças pessoais em contextos profissionais, ao ilustrar como hábitos financeiros saudáveis podem ser implementados e mantidos em contextos educacionais. Entretanto, o estudo destaca uma lacuna importante no que diz respeito ao conhecimento financeiro mais aprofundado, sugerindo que, embora os docentes demonstrem algum nível de entendimento, há uma necessidade clara de iniciativas mais robustas de educação financeira. Tais iniciativas poderiam incluir a implementação de cursos de capacitação financeira, palestras e workshops especializados, bem como a criação de comunidades virtuais dedicadas ao tema, com programas contínuos de educação financeira, para favorecer no aprimoramento do conhecimento e a aplicação prática desses conceitos na administração financeira individual.

As implicações desse trabalho são significativas, sugerindo caminhos tanto para o desenvolvimento pessoal dos docentes quanto para a estratégia organizacional das instituições

de ensino, reforçando a importância de considerar a saúde financeira como um componente crítico do bem-estar no ambiente acadêmico.

Como contribuição do estudo, destaca-se a necessidade de educação financeira para aprimorar o bem-estar financeiro. Embora os docentes estejam em uma posição relativamente estável, há espaço para melhorias que poderiam aumentar ainda mais sua segurança financeira e qualidade de vida. Dessa forma, torna-se essencial que as instituições educacionais ofereçam maior suporte e recursos, para criar um ambiente que facilite a aquisição e a aplicação prática do conhecimento financeiro. A adoção de programas nesse sentido não apenas elevaria a competência financeira dos docentes, mas também funcionaria como um exemplo para os alunos, incentivando o desenvolvimento de uma cultura de educação financeira que poderia se expandir por toda a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEST DOCTORS INSURANCE. O que é bem-estar financeiro? Disponível em: https://www.bestdoctorsinsurance.com/o-que-e-bem-estar-financeiro/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 08 out. 2024.

BINDER, M.; COAD, A. Heterogeneity in the relationship between unemployment and subjective wellbeing: A quantile approach. *Economica*, v. 82, n. 328, p. 865-891, 2015.

CAMPARA, J. P.; VIEIRA, K. M.; POTRICH, A. C. G. Satisfação global de vida e bem-estar financeiro: Desvendando a percepção de beneficiários do Programa Bolsa Família. *Revista de Administração Pública*, v. 51, n. 2, p. 182-200, 2017.

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior. Accesso em: 05 maio 2025.

CONSUMER FINANCIAL PROTECTION BUREAU (CFPB). *Financial well-being: The goal of financial education*. 2015. Disponível em: https://files.consumerfinance.gov/f/201501_cfpb_report_financial-well-being.pdf. Acesso em: 20 set. 2023

CHEN, H.; VOLPE, R. P. An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CLAYTON, M.; LIÑARES-ZEGARRA, J.; WILSON, J. O. Does debt affect health? Cross country evidence on the debt-health nexus. *Social Science & Medicine*, v. 130, p. 51-58, 2015.

JOHNSON, E.; SHERRADEN, M. S. From financial literacy to financial capability among youth. *J. Soc. & Soc. Welfare*, v. 34, p. 119, 2007.

CNC – Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), agosto de 2023. Disponível em: https://pesquisascnc.com.br/pesquisa-peic/. Acesso em: 20 set. 2023.

DINIZ, A. P. C.; VIEIRA, K. M.; POTRICH, A. C. G.; CAMPARA, J. P. Influência das variáveis socioeconômicas e demográficas no bem-estar financeiro: Um estudo do comportamento maranhense. *Revista Uniabeu*, v. 7, n. 17, p. 218-234, 2014.

DA SILVA, J. G.; NETO, O. S. S.; DA CUNHA ARAÚJO, R. C. Educação financeira de servidores públicos: Hábitos de consumo, investimento e percepção de risco. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, v. 5, n. 2, p. 104-120, 2017.

FERREIRA, H. C. B.; LIMA, J. P. R. A insustentável leveza do ter: Crédito e consumismo no Brasil. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, 2014.

FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. *Revista de Administração FACES Journal*, 2013.

FRENCH, D.; MCKILLOP, D. The impact of debt and financial stress on health in Northern Irish households. *Journal of European Social Policy*, v. 27, n. 5, p. 458-473, 2017.

FLORIANO, M. D. P.; FLORES, S. A. M.; ZULIANI, A. L. B. Educação financeira ou alfabetização financeira: Quais as diferenças e semelhanças? *Revista eletrônica Ciências da Administração e Turismo*, v. 8, n. 1, p. 16-33, 2020.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GERRANS, P.; SPEELMAN, C.; CAMPITELLI, G. The relationship between personal financial wellness and financial wellbeing: A structural equation modelling approach. *Journal of Family and Economic Issues*, v. 35, p. 145-160, 2014.

HAMID, F. S.; LOKE, Y. J.; CHIN, P. N. Determinants of financial resilience: insights from an emerging economy. *Journal of Social and Economic Development*, 3 mar. 2023.

HOJMAN TRUJILLO, D.; MIRANDA PARRA, A.; RUIZ-TAGLE VENERO, J. Debt trajectories and mental health. *Social Science & Medicine*, v. 167, p. 54-62, 2016.

LUSARDI, A.; TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and over in debtedness. *Journal of Pension Economics & Finance*, v. 14, n. 4, p. 332-368, 2015.

LEA, S. E.; WEBLEY, P.; WALKER, C. M. Psychological factors in consumer debt: Money management, economic socialization, and credit use. *Journal of Economic Psychology*, v. 16, n. 4, p. 681-701, 1995.

INCLUSÃO FINANCEIRA. Pesquisa qualitativa sobre endividamento orienta ações de educação financeira. Disponível em: https://inclusaofinanceira.bcb.gov.br/pesquisa-qualitativa-sobre-endividamento-orienta-a%C3%A7%C3%B5es-de-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira. Acesso em: 20 set. 2023.

JUNIOR, A. G. Custo de capital e a competitividade mundial: um estudo sobre as variáveis que influenciam o custo de capital disponível para as empresas. 2006. Tese (Doutorado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

KUNKEL, F. I. R.; VIEIRA, K. M.; POTRICH, A. C. G. Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. *Revista de Administração (São Paulo)*, v. 50, p. 169-182, 2015.

LEAL, D. T.; MELO, S. A. A contribuição da educação financeira para a formação de investidores. 2007. Disponível em: http://sistema.semead.com.br/11semead/resultado/trabalhosPDF/42.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

MATTA, R. O. B. Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal. 2007.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; DE ALENCAR, M. A. C. Pesquisa científica: conceitos básicos. *ID online. Revista de Psicologia*, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

O'NEILL, B.; XIAO, J. J. Financial behaviors before and after the financial crisis: evidence from an online survey. *Journal of Financial Counseling and Planning*, v. 23, n. 1, 2012.

HOJMAN, D. A.; MIRANDA, Á.; RUIZ-TAGLE, J. Debt trajectories and mental health. *Social Science & Medicine*, v. 167, p. 54-62, 2016. DOI: 10.1016/j.socscimed.2016.08.027.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness. 2005.

"PEIC". CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviço e Turismo. Disponível em: https://pesquisascnc.com.br/pesquisa-peic/. Acesso em: 6 set. 2023.

PEREIRA, G.; ORTIGÃO, M. I. R. Pesquisa quantitativa em educação: algumas considerações. *Periferia*, v. 8, n. 1, p. 66-79, 2016.

PROETTI, S. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. *Revista Lumen*, ISSN 2447-8717, v. 2, n. 4, 2018.

ROGERS, D.; ARMADA, M. D. R.; ROGERS, P. Bem-estar financeiro, saúde e qualidade de vida de um investidor. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, online, 44, 2020.

SCHMEISER, M. D.; SELIGMAN, J. S. Using the right yardstick: Assessing financial literacy measures by way of financial well-being. *Journal of Consumer Affairs*, v. 47, n. 2, p. 243-262, 2013.

SILVA, D. R.; ARMADA, M. J. D. R.; ROGERS, S. P. Bem-estar financeiro, saúde e qualidade de vida de um investidor. *XLIV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2020*, evento online, 14 a 16 set. 2020.

TAFT, M. K.; HOSEIN, Z. Z.; MEHRIZI, S. M. T.; ROSHAN, A. The relation between financial literacy, financial wellbeing and financial concerns. *International Journal of Business and Management*, v. 8, n. 11, p. 63, 2013.

VIEIRA, K. M.; DOS SANTOS FRAGA, L.; MARTINS, V.; CATTELAN, V. D.; FLORES, S. A. M.; CAMPARA, J. P. De onde vem o bem-estar financeiro? Análise dos fatores comportamentais, do gerenciamento financeiro e da renda. *Teoria e Prática em Administração (TPA)*, v. 6, n. 2, p. 136-171, 2016.